



## AS MÚLTIPLAS FIGURAS FEMININAS EM *MEMÓRIAS DE MARTA*, *A FAMÍLIA MEDEIROS* E *A SILVEIRINHA*, DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

Cristiane Viana da Silva Fronza

Algemira de Macêdo Mendes

*Faculdade do Médio Parnaíba- cristianevyanna@yahoo.com.br*

*Universidade Estadual do Piauí- algemacedo@ig.com.br*

**RESUMO:** O trabalho versa sobre os romances *Memórias de Marta* (2007), *A Família Medeiros* (1919), e *A Silveirinha* (1997), de Júlia Lopes de Almeida. O estudo teve como objetivo analisar a condição feminina nas obras de Júlia Lopes de Almeida publicadas de 1889 a 1914, focalizando a trajetória bibliográfica da autora, bem como a sua escrita ficcional. O presente estudo também fez uma análise dos estratagemas do discurso narrativo em *Memórias de Marta*, *A Família Medeiros* e *A Silveirinha*, de Júlia Lopes. Uma análise simultânea da vida e da obra da escritora a partir de uma abordagem relacional permitiu concluir que ela colocou em prática, em sua produção literária e em suas ações concretas, um feminismo possível dentro do quadro de sua época e dos limites dados pelo meio social em que se desenvolveu. Sua aparente propalada amenidade presente nas suas narrativas refere-se mais a recursos estilísticos do que ao caráter brando de um feminismo propriamente dito. E fora justamente por causa das suas pouco agressivas intervenções que a escritora teve acesso garantido à grande massa de leitores distribuídos pelos mais diferentes extratos sociais. Assim, ela pode apresentar a seu público leitor, na maioria mulheres, temáticas como a importância da educação para o sexo feminino, a política e as críticas ao fanatismo religioso. Este trabalho objetivou analisar a representação das figuras femininas nos romances almeidanos, através de teóricos como Salomoni (2005), Zolin (2005), Xavier (2007), Telles (2007) e Stevens (2005).

Palavras – Chave: Júlia Lopes de Almeida, Representação feminina, Escrita Feminina.

O papel desempenhado pelo homem na sociedade patriarcal sempre foi agraciado com uma variedade de prêmios, tais como dinheiro, status, reconhecimento público e posses. Por outro lado, as mulheres, que tanto fizeram, praticamente não foram reconhecidas e tão pouco mencionadas na história.

Hanner (2003) informa que as primeiras defensoras dos direitos da mulher no Brasil

viam a educação como chave para a emancipação feminina e a melhoria de status. Em torno de 1870, algumas viam a educação superior uma maneira de as mulheres assumirem ocupações de prestígio. Como muitos homens da classe alta urbana, que buscavam reais manifestações de progresso, essas mulheres respondiam com vigor às



novas ideias vindas do exterior e colocavam suas esperanças nas conquistas futuras.

No final do século XIX, algumas mulheres almejavam mais do que mero respeito e tratamento favorável dentro da família, desejavam, sobretudo, e o direito à educação, inclusive educação superior, que se tornara possível com a lei da reforma educacional de 1879: elas queriam o desenvolvimento integral de todas as potencialidades femininas, dentro e fora de casa (HANNER, 2003).

Memórias de Marta, de Júlia Lopes de Almeida apresenta ao público essa mulher, Marta, que não se deixa oprimir pelo sistema patriarcal e tão pouco pela imposição do patriarcado que determinava que mulheres fossem inferiores e, portanto, deveriam ser submissas aos homens, estes, superiores, dominadores. A figura feminina representada no corpus traz a tona uma mulher que vai lutar pelo desejo de ter educação, trabalho e independência.

Sonhando agora em ser mestra, eu não imaginava o descanso, o repouso ameno que eu lhe daria como recompensa dos grandes sacrifícios feitos por ela para meu bem-estar; eu não pensava em ser útil, em torna-me necessária, imprescindível: eu queria ser mestra para não morar em um cortiço mal alumado, infecto, úmido, nesta terra onde há tantas flores, tanta luz e tantas alegrias! (ALMEIDA, 2007, p. 72-73).

É possível notar, segundo o trecho supracitado, os avanços e acomodações no discurso almeidiano, na medida em que a autora advoga pela emancipação feminina através da educação e do trabalho.

Júlia Lopes de Almeida convida a (re)pensar a condição feminina nos Oitocentos para além da expectativa modelar e normativa da época. Transgredindo o espaço privado do lar e lançando mão do ofício das letras, o seu primeiro romance se constitui peça fundamental para se entender toda a sua obra, uma vez que os seus silêncios e vazios internos permitem conjecturar sobre algo mais, preenchendo interstícios no exercício de desenhar sobre a própria tessitura desvelada.

Ao pensar o passado como uma renda, permanentemente retrabalhada, deve-se lembrar que não são apenas as linhas, laços e nós, por mais coloridos que sejam, que dão forma ao desenho projetado; são, justamente, os buracos, os vazios, as ausências, que são responsáveis por fazer aparecer com nitidez o que se pretendia fazer (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 153). Como se pode perceber na citação que segue:

Supunha eu que o meu ordenado bastasse só por si para uma completa modificação na nossa vida. Alegrava-me por poder assumir a responsabilidade de tudo. A sala da aula com o seu relógio de parede colocado sobre o crucifixo de marfim, em frente ao retrato litografado do imperador, parecia-me a visão do paraíso. Era dentro daquelas paredes que



eu tiraria o sustento e a independência para minha mãe. (ALMEIDA, 2007, p. 91)

A citação expressa o desejo de Marta que teve a possibilidade de seguir uma educação, e ainda, a vontade de ser uma mulher emancipada capaz de sustentar a casa e a mãe. Assim, a aparente felicidade demonstra que a única saída para a melhoria de vida é o estudo e o trabalho.

A historiadora Michelle Perrot (1988) chama a atenção para o fato de o feminismo ser difundido historicamente como um movimento social e não político, o que reproduziu a ideologia de que política não é assunto para mulheres. Outra ideia enraizada é de que a mulher foi excluída do trabalho. A mulher não foi excluída do campo de trabalho, sua ação foi regulamentada pela ideologia dominante e seus lugares de atuação definidos.

Além da luta por direito a educação e igualdade com o outro sexo, as mulheres do primeiro quartel do século XIX, se engajaram na luta pelos direitos dos menos favorecidos, assim, o movimento feminista se ligou à luta pelos direitos das minorias étnicas e pela paz (PERROT, 1988). As mulheres do século XIX constituíram uma importante vanguarda dos movimentos sociais participando das doutrinas e movimentos revolucionários.

Na Família Medeiros, Júlia Lopes de Almeida, apresenta ao público leitor uma temática diferenciada à época do século XIX, pois na sua obra são refletidos os debates acerca dos percursos e dos destinos do Brasil que nutriam aquele momento.

Oliveira (2011), afirma que mais alinhada com os princípios democráticos e republicanos, porém não em acordo com todos eles, Júlia Lopes de Almeida encena, sobretudo no romance em questão, a paulatina queda da ordem escravocrata. No romance, enterrar o patriarcado escravocrata significa modernizar o Brasil, ou seja, abrir as portas para a instalação da República, para a implantação da mão de obra assalariada e para um país calcado nos princípios da razão, da justiça e do direito.

A Família Medeiros, de Júlia Lopes de Almeida apresenta um enredo que trata da vida cotidiana, no interior de São Paulo, no final do século XIX, de escravos e da transição para o trabalho assalariado.

- Ora, ainda bem! Pois, como ia dizendo, apareceu-me o negro queixando-se de maus tratos e expondo à minha compaixão o corpo emagrecido e retalhado. Mande tirar-lhe os ferros, curá-lo; dei-lhe cama, jantar, e, como do legado do Sr. Gabriel restassem ainda setecentos mil réis, escrevi ao Antunes propondo por esse preço a liberdade do escravo. Respondeu-me com uma tremenda descompostura, exigindo-me a entrega do negro. Nem por um conto o vendo, dizia ele na carta; eu cá o ensinarei (ALMEIDA, 1919, p. 69-70).

Segundo Oliveira (2001), neste romance Júlia Lopes de Almeida traz, para o aconchego do lar, informações sobre o enfraquecimento do regime monárquico diante dos movimentos pré-republicano e abolicionista, a realidade da escravidão e as tensões provocadas com a



proximidade da abolição, promovendo uma profunda reflexão em torno dessas questões, além de expressar-se politicamente em relação à tragédia da escravidão. Ao criar a personagem Eva, ela mostrou outro perfil de mulher e levantou uma grande bandeira em prol das mudanças que a sociedade exigia, entre elas, às relacionadas à educação feminina.

Como passaria agora as noites? A mestra era o seu refugio; na sua companhia corriam rapidamente as horas, aprendia deleitosamente nesses seroes íntimos a entreter conversações uteis e despreziosas; os seus bordados, os seus livros, os seus desenhos parecer-lhe-iam monótonos e dificultosos desde que lhe faltassem o conselho, a influência da amiga e o apoio da sua inteligência superior. Respeitava-a, e nas horas de desalento, enfadada daquela casa sombria, onde estava condenada a viver, naquela convivência da família que em vão procurava achar agradável, fora sempre o braço salvador da estrangeira que a impelira para o trabalho, como único consolo verdadeiro e a única distração. (ALMEIDA, 1919, p. 80)

O trecho mencionado apresenta ao público leitor uma figura feminina com sentimentos de bovarismo, ou seja, comportamento psicológico designado aos que tendem a aspirar por uma vida diferente da sua, idealizada e compensatória, mas também, uma mulher culta, que gosta de livros e de arte. Ela passa a representar uma ameaça ao modo de vida defendido pelo tio, escravocrata

conservador. Ele enxerga nas atitudes “subversivas” da sobrinha não só a antecipação do que viria a acontecer com as manifestações abolicionistas, como também uma péssima influência para as suas filhas (OLIVEIRA, 2011).

- Venho pedir-lhe que perdoe ao Manuel Sabino; ele promete ser obediente daqui por diante. Mande tirar-lhe os ferros, sim?

- Asneira! Deixe-se disso, que não é da competência das moças. Se não quiser ver o negro com os ferros, não olhe para ele. Era o que faltava!

-Não olho, mas nem assim deixo de saber que os traz. (ALMEIDA, 1919, p. 19).

É possível observar uma mulher que argumenta contra uma injustiça, no caso, a um escravo preso aos ferros. A personagem discute com um senhor escravocrata, pois este não aceita o pedido dela para retirar as amarras do negro. Isto fica visível no diálogo, cujos argumentos do escravocrata querem mantê-lo preso.

As ideias de Eva, na visão de Oliveira (2011), revelam na verdade valores que farão parte, por exemplo, a instrução feminina, o tratamento igualitário entre homens e mulheres e revelam, na verdade, valores que farão parte de uma nova ordem social que está para emergir em oposição aos antigos valores defendidos pela tradicional aristocracia rural. Ela simboliza, em seu próprio nome, a renovação, a mudança, o nascimento de uma nova mulher que, instruída, avalia sua



realidade e sabe fazer suas próprias escolhas. É isso o que demonstra o inesperado, porém coerente, desfecho da obra quando, contrariando o final que se encaminhava para o enlace com Otávio, ela opta por casar-se com Paulo, com quem se identifica intelectualmente.

Transportando de júbilo, Paulo tomou a cabeça de Eva entre as mãos, e beijo-a nas pálpebras, repetidas vezes.

E, assim, sem pronunciar uma palavra definitiva, eles declaram-se apaixonadamente o seu amor (ALMEIDA, 1919, p. 317-318).

Para Biroli e Miguel (2012), o pensamento feminista tornou-se um componente crucial da teoria política. As primeiras reivindicações de direitos políticos pelas mulheres, embora relevante e evidentemente justas, eram pouco interessantes do ponto de vista teórico.

Os referidos autores afirmam que a análise crítica da posição da mulher na sociedade e, sobretudo, dos papéis sociais distintos reservados a mulheres e homens, então apresentados, abriria caminho a muitas críticas posteriores, mas não colocava em discussão as relações entre as formas de constrangimento à autonomia das mulheres e as instituições políticas que colaboraram para reproduzir sua posição subalterna.

Eva se mostrou interessada no acesso aos espaços de decisão política quando expressou sua opinião com relação ao negro preso aos ferros. Pode-se pensar que Júlia Lopes de Almeida estaria contribuindo para o avanço posterior de uma teoria política feminista. Pelo simples fato de Eva discutir

contrariamente sobre uma forma rotineira de opressão, no caso, a escravidão, bem como pensar em uma igualdade racial.

Em *A Silveirinha* a personagem central vive os dilemas da religiosidade o que poderia demonstrar também uma forma de submissão à igreja. Perrot (2012), falando sobre esse tema diz que entre as religiões e as mulheres, as relações têm sido, sempre e em toda parte, ambivalentes e paradoxais. Isso porque as religiões são, ao mesmo tempo, poder sobre as mulheres e poder das mulheres.

Poder sobre as mulheres: as grandes religiões monoteístas fizeram da diferença dos sexos e da desigualdade de valor entre eles um de seus fundamentos. A hierarquia do masculino e do feminino lhes parece da ordem de uma Natureza criada por Deus. Isso é verdade para os grandes livros fundadores - a Bíblia, o Corão - e, mais ainda, para as interpretações que são trazidas a esse respeito, sujeitas a controvérsias e a revisões. Assim se dá com o relato de Adão e Eva no Gênesis, debatido atualmente pelas teólogas feministas. Segundo a versão original, o homem e a mulher teriam sido criados ao mesmo tempo. Segundo uma versão anterior, eles tinham sido criados um depois do outro, sendo a mulher segunda ou derivada, “vinda de um osso sobressaltante”, como lembra Bossuet para incitá-las à humildade, tendo a Igreja Católica adotado essa segunda versão (PERROT, 2012). No trecho de *A Silverinha* pode se perceber o que Perrot postula.

-Como assim?

- Pois não acabei de lhe contar que ela se apresentou ao noivo coberta de santinhos?



Certamente que não fez aquilo, senão para o avisar: veja bem como eu sou e quais as minhas ideias. (ALMEIDA, 1997, p. 23)

A citação acima fala sobre a representação de uma mulher que possui um fanatismo religioso. Nota-se também a firmeza nas suas palavras, isto é, o noivo já sabe quais são os seus ideais. A religião, ao que tudo indica, acima de tudo.

Para Perrot (2012), a religião tem poder sobre as mulheres e esse fato acentua-se nos organizadores dessas religiões, as quais, todas elas, estabelecem a dominação dos clérigos e subordinam as mulheres, geralmente excluídas do exercício do culto, ou mesmo de seu espaço: o que acontece nas mesquitas do islã, embora o profeta Maomé fosse cercado de mulheres, como relata Assia Djebar (1985).

O catolicismo é, em princípio, clerical e masculino, à imagem da sociedade de seu tempo. Somente os homens podem ter acesso ao sacerdócio e ao latim. Eles detêm o poder, o saber e o sagrado. Entretanto, deixam escapatórias para as mulheres pecadoras: a prece, o convento das virgens consagradas, a santidade. E o prestígio crescente de Virgem Maria, antídoto de Eva. A rainha da cristandade medieval.

- Que barbaridade! Nem você deve desprestigiar os padres. E isso que está dizendo acaba com a reputação de um homem; tanto mais que padre Gil é mais que um homem – é um santo!

- Eu não desacredito. Comparo-o apenas o monsenhor Pierre, sempre bem escovado,

tanto nas batinas, como você notou, como nas ideias, que são de uma limpidez admirável (ALMEIDA, 1997, p. 41).

A citação apresenta o prestígio que o padre Gil possui: ele é considerado um santo, ou seja, os padres eram vistos como representantes de Deus na terra, logo comparados a santos terrenos. De tudo isso, segundo Perrot (2012), as mulheres fizeram a base de um contrapoder e de uma sociabilidade. A piedade, a devoção, era, para elas, um dever, mas também compensação e prazer. Elas podiam ser encontradas nas igrejas paroquiais, na suavidade dos reposteiros e do canto coral, sentir até mesmo o perfume floral presente no altar. O que não significava que os maridos ficavam alegres de suas esposas residirem mais na casa paroquial que nas suas próprias residências,

-Quatro! Cinco horas, filha! Prefiro tudo a este inferno de nunca estar contigo. Por que não esperaste pela noite, para irmos juntos? Também eu gosto de música, mas gosto, sobretudo da tua companhia, que me falta cada vez mais (ALMEIDA, 1997, p. 60)

As mulheres transmitiam fé, nas cidades do interior, elas limpavam as igrejas e defendiam o soar dos sinos. De tal forma que elas se tornaram, na sociedade um objeto de disputa entre os republicanos e a Igreja, estando, em parte, na origem das lutas pela laicidade, no caso, na França (PERROT, 2012).

A história tem um grande peso no que diz respeito à situação em que se vê a mulher ainda hoje. Corrêa (1992), diz que o sistema patriarcado, por ser dualista, hierárquico, autoritário e sexista cerceia as mulheres.



Assim sendo, segundo a autora, o Cristianismo foi influenciado tanto pelo judaísmo quanto pelo helenismo, ou seja, desenvolveu-se sobre um pano de fundo patriarcal inclusive em sua concepção de mulher. Desse modo, a mulher é, conforme a exegese bíblica, subordinada e equivalente ao homem.

Falar da mulher na sociedade também é falar da influência religiosa. A sociedade é formada por leis e por preceitos morais profundamente religiosos, por isso, fica difícil separar o fenômeno religioso que subjaz a origem de quase toda sociedade humana. A Silveirinha, de Júlia Lopes de Almeida mostra ao público o aparente lado do fanatismo religioso, de uma esposa que prefere passar mais tempo na Igreja que na sua casa junto ao marido.

Oliveira (2011), afirma que no século XIX, em meio às transformações legadas deste tempo histórico, decorrentes, sobretudo, da industrialização e urbanização presentes na Europa e Estados Unidos, ideias civilizadoras são fomentadas por grupos sociais que idealizavam a educação e a religião como estratégias na relação de poder, para estabelecer um comportamento social individual e coletivamente aceitável.

Para Oliveira (2011) embora a lógica patriarcal pareça tão sólida e sedimentada e, em muitos momentos, um muro intransponível, representada por grupos com poder estabelecidos, nota-se que existiram e existem grupos que fomentam mudanças ao longo da história. Tais mudanças podem ser observadas na sociedade atual, ainda que, marcadamente patriarcal, através da oscilação

de poder nas relações de gênero, onde a mulher conquistou mais espaços de ação na sua constelação histórica.

O lugar da mulher no espaço social brasileiro no século XIX, como já aludido anteriormente, era determinado pelo patriarcalismo, deixando sua margem de decisão com pouca acessibilidade. Rompendo esse padrão patriarcal tem-se a figura feminina Silveirinha que usa todos os artifícios para conversão do marido ao catolicismo,

-Tomara ver-te forte...

- Para irmos para o Rio. Afinal essa doença veio atrasar-nos em um mês....

- E para assistir à missa em ação de graças pela tua saúde! Fica sabendo que as minhas amigas estão so à espera disso para levantarem acampamento...Algumas até fazem sacrifício de estar aqui (ALMEIDA, 1997, p. 298)

Bourdieu (2010) se concentra nas situações em que esse poder é normalmente ignorado, fato que permite intuir que esse poder é plenamente reconhecido pelos agentes envolvidos. "O Poder Simbólico" está dividido em quatro subtítulos. No primeiro deles, Bourdieu considera a arte, a religião, a língua, etc., como estruturas estruturantes, citadas algumas vezes por ele como *modus operandi*, uma expressão do latim que significa modo de operação. Utilizada para designar uma maneira de agir, operar ou executar uma determinada atividade seguindo sempre os mesmos procedimentos, seguindo sempre os mesmos padrões nos processos.



Nesse sentido, o poder simbólico, imperceptível e invisível, é uma forma transfigurada e legitimada das outras formas de poder. O que torna possível tal poder, conclui o autor, é a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem. É possível analisar que a Silveirinha é influenciada pela Igreja Católica e que juntamente com essa Instituição ela espera converter seu marido ao catolicismo.

O referido autor afirma que o responsável pela produção dos sistemas simbólicos é o corpo de especialistas circunscrito ao seu campo específico. Tais especialistas estão a serviço da classe dominante e são, por excelência, os produtores da doxa, ou seja, àquilo que é aceito como opinião geral que, por seu turno, sustenta o poder estabelecido no âmbito de cada campo.

Nesse sentido, o campo é o espaço onde as relações são objetivamente definidas através do modo como são distribuídas as diversas formas de capital. Os agentes, específicos de cada campo, são capacitados para as funções e os embates próprios deste campo. Intimamente relacionado ao conceito de campo, está o conceito de habitus que Bourdieu (2010) define como um conjunto de disposições, decorrente de um processo de interiorização da exterioridade e de exteriorização da interioridade, que leva os agentes a procederem de acordo com as possibilidades existentes dentro da estrutura do campo.

Para entender como Bourdieu problematiza a religião, é necessário compreender,

primeiramente, como ele estrutura o campo de análise. A terminologia usada por ele para definir o campo religioso pertence ao mundo judaico-cristão e, portanto, é muito familiar para a teologia, a saber, sacerdotes, profetas, magos/feiticeiros e leigos. Essa terminologia foi utilizada por Max Weber que, por sua vez, influenciou a análise de Bourdieu. O sacerdote seria aquele que, por excelência, representa a instituição estabelecida. É aquele que vai produzir a partir de dentro e vai defender a instituição. Ele não produz o novo. “O profeta, ao contrário, é o agente religioso que, em situações extraordinárias, de crise, ou a partir de grupos marginais, produz por seu discurso ou sua prática uma nova concepção religiosa”. Já o feiticeiro é um autônomo que utiliza o imaginário religioso para “atender interesses imediatos e utilitários de sua clientela”.

O campo religioso, propriamente dito, tem como princípio a existência de um grupo especializado na produção dos bens religiosos (o clero) e de um grupo que produz excedente econômico (os leigos) para sustentar esse grupo especializado que, em troca, produz o sustento espiritual. Bourdieu chama essa transação que se instaura entre igreja e fiéis de “economia da oferenda”. Essa objetivação do sistema religioso desvenda que a igreja é também uma empresa. Só que essa objetivação parece ser reducionista e pode levar ao esquecimento de que faz parte da sua existência a necessidade de negar esse fato. Assim, Bourdieu (2010) afirma que “a verdade da empresa religiosa é a de ter duas verdades: a verdade econômica e a verdade religiosa, que a recusa” :



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Como se aproximasse o dia do aniversário do Padre Pierre, as devotas do seu altar e as suas confessadas organizaram uma comissão a fim de angariar donativos para um mimo que lhe deveria ser então oferecido.

A ideia partira da Magdalena, que andava pelas casas das amigas, alvoraçando almas e combinando cousas. (ALMEIDA, 1997, p. 101).

Júlia Lopes de Almeida através da voz narrativa dos seus romances evidencia certo conhecimento sobre o papel do lócus de enunciação nos processos de produção de sentido no discurso literário. Em uma leitura atenta, é possível descobrir muito mais do que mero relativismo nas palavras que a autora coloca na boca de suas figuras femininas. A referida autora faz parte do seletto grupo de mulheres produtoras de capital cultural nos processos de imaginação e simbolização da identidade nacional brasileira, no final do século XIX e limiar do século XX.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Memórias de Marta*. Pesquisa, organização, cronologia e introdução de Rosane Saint-Denis Salomoni. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007.

\_\_\_\_\_. *A Família Medeiros*. Rio de Janeiro: Empresa Nacional de Publicidade, 1919.

\_\_\_\_\_. *A Silveirinha (crônica de um verão)*. Florianópolis: Mulheres, 1997.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. “Um leque que respira: a questão do objeto em história”. In: \_\_\_\_\_. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru, SP: EDUSC, 2007, pp. 149-164.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução Fernando Tomaz, 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010

CORRÊA-PINTO, Maria Conceição. *A dimensão política da mulher*. São Paulo: Paulinas, 1992.

DJEBAR, Assia. *L'Amour, la fantasia*. Paris: J. C. Lattès. (1985).

HANNER, June. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil. 1850-1940*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2003.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia (Orgs). *Teoria política e feminismo: abordagens brasileiras*. Vinhedo, Editora Horizonte, 2012.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. *Estratégias de modernização do Brasil: uma leitura de A família Medeiros (1892)*, de Júlia Lopes de Almeida. Diadorim (Rio de Janeiro), v. 1, p. 106-117, 2011.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

\_\_\_\_\_. *Minha história das mulheres*. Tradução de Ângela M. S. Correa. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012.



# XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES



[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)